

Sã3crates e Durã£o: A Bem da Naã§ã£o!

07-May-2009

Apesar de surpreso pela notã-cia do apoio de Josã© Sã3crates a Durã£o Barroso, o que mais me chocou nã£o foi o facto de o Primeiro-Ministro apoiar a reeleiã§ã£o do actual presidente da Comissã£o Europeia, mas sim os argumentos nacionalistas utilizados para sustentar essa posiã§ã£o. Sã3crates no parlamento nã£o disse uma palavra acerca do mã©rito de Durã£o Barroso, do trabalho desenvolvido pela comissã£o, da capacidade de lideranã§a, dos projectos para o futuro. Pelo contrãrio, defendeu-se dos ataques da oposiã§ã£o com um discurso patriãtico do "se ã© portuguãs ã© bom", o que revela um total desrespeito pela visã£o supranacional que deveria orientar os discursos dos lã-deres europeus nas discussã¶es acerca do projecto europeu e que ã© tã-pico do provincianismo que muitas vezes caracteriza muitos dos dirigentes da pãjtria. Claro que tambã©m nã£o faltaram as velhas acusaã¶es de sectarismo da esquerda, mas onde ã© que encaixamos entã£o Mãjrio Soares, Josã© Manuel Fernandes ou Vasco Pulido Valente que condenaram em unã-ssono esta "saloiice" e com quem eu me vi obrigado a concordar?

Eu sei que hoje em dia os princã-pios contam pouco, mas entã£o fica a pergunta: e se fosse Mãjrio Machado? Votaria Sã3crates na sua eleiã§ã£o contra um qualquer estrangeiro independentemente da ideologia? Serã que ser portuguãs ã© o critã©rio mais importante quando confrontado com um estrangeiro? Jã nos tã-nhamos dado conta que isso acontece invariavelmente nos relatos radiofãnicos dos jogos da UEFA, do Euro ou do Mundial sempre que equipas nacionais jogam contra estrangeiras, mas querer aplicar a mesma regra ã Uniã£o Europeia para alã©m de ridã-culo ã© perigoso, porque faz despertar sentimentos que quando levados ao exagero resultam invariavelmente em guerra, e a Europa jã testemunhou duas guerras mundiais graã§as ao nacionalismo exacerbado, e ainda hã bem pouco tempo a Jugoslãvia se fragmentou atravãos de uma guerra brutal que derivou da mesma problemãtica. Mas nã£o ã© isso que aqui estã em causa, aquilo que se pergunta ã©: para Josã© Sã3crates, em que lugar encaixa o critã©rio nacional? Acima do mã©rito, da capacidade, da visã£o, do projecto? Atã© que ponto o nacionalismo ã© mais importante que qualquer outro critã©rio para o nosso primeiro-ministro?

ã% claro que houve logo um coro de aplausos ã coragem de Sã3crates. Por exemplo, o director do Sol, Josã© Saraiva, argumenta com o facto de ficarmos contentes sempre que o Ronaldo marca ou ganha um jogo! Eu acho mas ã© increditãvel como ã© que se pode comparar o sucesso ou insucesso de Ronaldo com o destino e o futuro da Europa! Sim, porque ã© disso que se trata. ã% que eu nã£o vislumbro atã© que ponto influenciarã a minha vida uma derrota ou vitãria de Ronaldo! Mas tenho a certeza de que a eleiã§ã£o do presidente da comissã£o europeia terã uma relaã§ã£o directa no que serã£o os prãximos 5 anos para os europeus, porque dele dependerã£o muitas das directivas que influirã£o directamente sobre as nossas vidas, dos portugueses e dos europeus, seja lã qual for a distinã§ã£o. Porque esse patriotismo da bandeira na janela ou ã varanda e em que depois no dia das eleiã¶es se fica em casa a mim nã£o me diz rigorosamente nada. Isso nã£o ã© patriotismo, ã© provincianismo.

A verdade ã© que a Uniã£o Europeia nã£o pode viver refã©m desta mesquinhez nacional, nã£o pode ser uma soma de nacionalismos, de Portugal ã Polãnia, da Alemanha ã Franãsa, correndo o risco de implodir quando todos os lã-deres decidirem em funã§ã£o da sua prãpria nacionalidade.

Aproveito também a oportunidade para indagar até que ponto chega o amor à nossa terra. Nas eleições legislativas o critério até dos habitantes de Castelo Branco será votar Sácrates porque é da cidade. Nas eleições autárquicas votaremos no candidato da nossa freguesia. Para a junta o critério seria votar na pessoa da minha aldeia. No condomínio votarei naquele que for do meu andar. É esta a noção que o PS tem da política de proximidade. Está bem que até pode ser para alguns um bom critério, mas não pode ser de todo um preceito que reja as decisões de um primeiro-ministro. Isto nem num país do faz de contas. É a velha discussão em torno das capelas e das capelinhas e o nacional-umbiguismo ou nacional-amiguismo no seu esplendor máximo.

Claro que todos queremos um TGV à porta, um aeroporto na cidade, uma auto-estrada que desembocasse no nosso bairro. Mas não é por amarmos a nossa terra e termos poder para o fazer que agora desataremos a construir elefantes brancos só porque é bom para a nossa cidade independentemente de ser mau para o país. O mesmo se aplica à escolha de Durão Barroso. Não é por ser prestigiante para Portugal que iremos pagar em causa o futuro da União. Barroso foi o criador de serviço na mais vergonhosa cimeira da nossa democracia e que originou a mais vergonhosa guerra das últimas décadas, caracterizada pela mentira e motivada pela ganância de Bush e seus amigos. Barroso é o rosto ultrapassado do neo-liberalismo fraudulento que nos colocou perante a mais grave crise económico-financeira desde a 2ª Guerra Mundial. Barroso foi o homem que deixou Santana como herança, foi o homem que na última cimeira do G-20 não se viu. Não se deverá o protagonismo de Sarkozy, Brown, Merkel e Berlusconi à falta de carisma e liderança do presidente da Comissão Europeia? E de que modo isso se traduz em prestígio para Portugal? Será se for um prestígio à prestige! Um prestígio contaminado pelo petróleo.

Talvez este apoio se deva exactamente ao facto de Barroso ter oferecido uma oportunidade única a Sácrates de obter a maioria absoluta, isto porque ninguém de bom senso vislumbrava alguma esperança de futuro para a dupla Santana/Portas... E até desconfio que o apoio incondicional ao tratado de Lisboa, esquecendo o tratado prometido referendo à vontade popular, se deve somente e tanto só a isso mesmo, ao nome: Lisboa. Já imaginaram nos livros de história, a par do Tratado de Roma e dos fundadores da comunidade europeia, o Tratado de Lisboa e Sácrates como mentor da nova Europa? Eu não, mas aposto que Sácrates tem vindo a sonhar com isso, apesar do não irlandês e as reticências checas terem transformado aquilo que parecia um belo sonho num pesadelo...

Agora o nacionalismo discute-se internamente através da necessidade de um Bloco Central, a bem da nação. Então estes senhores repartiram o poder nos últimos 33 anos, acusam-se mutuamente sobre as culpas do atraso estrutural que cada vez mais nos caracteriza, da inércia governativa instalada, dos índices vergonhosos que nos afundam nas tabelas de desenvolvimento e querem agora fazer-nos crer que serão eles a salvar-nos? E depois de quatro anos de bloco central, para cima de quem atirariam a responsabilidade da má governação? Por mais que os cartoonistas, humoristas e a generalidade dos comentadores se regozijem com a ideia de Sácrates e Manuela a passear de mãos dadas por São Bento, o país não pode aceitar este cenário aterrador de ânimo leve.

Afinal de contas, isto é porreiro para quem pá?

Â

Â

Texto de Daniel Nicola